

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Editor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

Redação, Administração e Tipografia

PORCA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.178

Quinta-feira, 28 de Setembro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redação, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa * Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A grande reunião da Covilhã!

Uma grande afirmação de vitalidade do sindicalismo revolucionário

O Congresso Operário Nacional, efectuado dentro de breves dias se vai realizar na Covilhã, reveste uma excepcional importância social, não só pelo grande número de organismos aderentes, como pelo valor dos assuntos que neles vão ser discutidos. E' que o valor dos congressos não se mede únicamente pelo número de indivíduos e colectividades que neles se fazem representar, mas também pelas decisões que neles são tomadas e pelas possibilidades que existem para a sua materialização. Ora a grande importância que o Congresso Operário Nacional vai ter ressalta da conjugação positiva de três factores: a grande força numérica, a consciência revolucionária dos seus componentes e a possibilidade de serem criados os órgãos necessários à materialização das suas decisões. E' o congresso composto por agremiações operárias que se tem sabido colocar no terreno da luta de classes, que tem sabido por acções e pensamentos manter a atitude de quem reconhece que entre a burguesia e o proletariado existe um abismo intransponível. Em frente da classe burguesa que vive da exploração ergue-se impetuosa e a classe operária que se sindicalizou no intuito de deixar de ser uma classe explorada.

As discussões da Comissão de Reparações, as declarações públicas dos dirigentes, os comentários da imprensa oficial, as negociações nos bastidores da política e dos Bancos já deixam prever que nos encaminhamos para um compromisso. O sr. Poincaré, guardou, no armário, o papel-moeda da sua ação e estupidez intransigência. O sr. Millerand interveio no sentido pacificador, impedindo a reunião das Camaras que actuariam favoravelmente aos interesses do «clan» industrial metalúrgico dando carta branca a Poincaré. Millerand procedeu em conformidade com os interesses da grande banca francesa, cujos actuais interesses são em parte concordes com os interesses de todo o país.

A alta banca francesa, teme-se por

firmar a política seguida desde o armistício, política inspirada pelo capitalismo britânico e francês e cujo objectivo tendia ao esmagamento do poder económico, financeiro e político da Alemanha.

O capitalismo britânico tendo conseguido reduzir muito o poderio da Alemanha, compreendeu entre 1920-21 que era necessário levar esta redução ao máximo, isto é, até ao completo esmagamento, porque, na sua queda económica e financeira, a Alemanha arrastaria, em virtude da lei de solidariedade, o resto da Europa.

O capitalismo francês não o compreende assim. E em vão lho gritavam, desde 1919, os socialistas franceses.

Parece que as consequências da ruptura francesa da conferência de Londres conseguiram fazer-lhe compreender a gravidade da situação e a necessidade de salvar a Alemanha da falência.

As consequências da ruptura entre Poincaré e Lloyd George foram imediatas, e manifestaram-se por uma nova queda do marco alemão, que se manteve acentuado nos dias seguintes.

O marco alemão arrastou na sua quebra a coroa austriaca, o marco polaco, etc.

Todo o papel-moeda da Europa, incluindo o francês, o belga, o italiano, baixou de valor.

A baixa foi mínima para este papel. Mas foi grande para o marco alemão e para o papel-moeda das potências centrais e orientais da Europa.

O queda do marco foi tam grande e letal.

Classes que reclamam

Inscritos Marítimos

Reunião ontem em sessão magna, tendo na primeira parte da ordem, aprovado por aclamação o relatório do delegado ao Congresso Marítimo.

Em seguida, foi lida a moção elaborada pelos marítimos de longo curso, cujas conclusões são as seguintes:

Reclamar dos armadores e de quem de direito, um aumento de 200\$00 sobre os actuais salários mensais, bem como as refeições a dobrar, isto a partir de Outubro p. f., indo até àqueles que nessa data não estejam em Lisboa.

Esta moção foi aprovada.

Antes de terminar a sessão, foi tirada uma queite a favor dos jovens sindicalistas presos, que rendeu \$75, encerrando-se a sessão aos vivas à C. G. T., A Batalha, trabalhadores de todo o mundo, etc.

C. G. T.

Conselho Confederal

Na sua reunião de ontem, aprovou o parecer da comissão revisora de contas eleita na última reunião do conselho, parecer que por unanimidade foi aprovado, devendo ser presente ao próximo Congresso Operário Nacional.

Encontra-se à venda na administração da A Batalha, custando apenas 2 escudos.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL SINDICALISTA

Todos os operários conscientes devem ler o utíssimo livro

Organização Social Sindicalista

É um livro necessário a todos os que estão integrados na organização operária

Editorial a Comissão Organizadora do III Congresso Operário Nacional.

É uma obra repleta de interessantes ensinamentos.

Escrita numa linguagem clara, insinuante, Organização Social Sindicalista deve ser adquirida por todos os que detestam o passado, combatem o presente e aspiram a dias melhores.

Encontra-se à venda na administração da A Batalha, custando apenas 2 escudos.

U. S. O.

CRÓNICAS DE HAMON

A situação externa da França, Gran-Bretanha e Alemanha

O compromisso que previ para pôr termo à Conferência de Londres não se realizou em Londres (13.ª conferência após o armistício). Realizar-se há em Bruxelas ou em qualquer outro sítio a reunião, no próximo Novembro, da 14.ª conferência.

O nosso vaticínio foi errado quanto à data do facto, mas o facto dar-se há.

As discussões da Comissão de Reparações, as declarações públicas dos dirigentes, os comentários da imprensa oficial,

os valores respectivos são os seguintes: 1:200 e 1:300 marcos por um franco-ouro.

As consequências de uma tal baixa de valor do papel-moeda são, como muitas vezes o temos dito, uma diminuição considerável do poder de compra desta moeda, o que arrasta como consequência um aumento de custo de todas as mercadorias a fim de compensar a diminuição do valor do papel-moeda.

Não são mercadorias que encarecem, é o papel-moeda que diminui de valor.

Nunca, na Alemanha, a diminuição deste valor foi de 15 a 150 %. Idêntico fenômeno se produziu naturalmente na Áustria, na Polónia, etc.

Os comerciantes e os industriais não sabem na véspera os preços porque no dia seguinte há de vender os seus produtos, e os consumidores não sabem quantos quilos de papel moeda devem levar ao mercado para fazerem as suas compras. Os governantes falam-se forçados a fazerem trabalhar sem repouso as máquinas de impressão de notas, pois é necessário fornecer o stock preciso às trocas.

Por isso, numa semana, a circulação fiduciária da Alemanha elevou-se acima de seis milhões de marcos-papel. E isto continua na Alemanha e nos países do centro, do este e do sul da Europa.

Naturalmente os rendimentos dos pequenos juristas não crescem, naturalmente os salários dos funcionários e dos operários não sofreram um aumento proporcional à diminuição do valor do papel-moeda.

O portanto a miséria. Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

A crise continua. Por quanto não atingiu ainda o vértice da sua ascensão.

Por isso, a repercução no ocidente europeu, pôsto que sensível, não é por

Portanto a miséria.

Um amigo meu, um sábio médico que viaja na Alemanha, escrevia-me há dias: Por toda a parte se vê a miséria, a grande miséria. E há quem diga e outros que acreditam que o governo alemão deprecia voluntariamente o marco-papel, isto é, voluntariamente arremessou para a miséria milhões de operários, de pequenos funcionários, e de intelectuais! É necessário estar de má fé, ser estúpido ou um louco para afirmar e sustentar semelhante fábula!

3.º CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL

Conclusos

Não é possível, por enquanto, atender solidariedade e elevação do caráter dos vossos e pelo exame dos factos, dos acontecimentos, das discussões verbais ou escritas e por controvérsias ou debate de opiniões, as mais palpáveis questões do sindicalismo ou da vida operária e social. Com pequena despesa, podem manter tais institutos, e nos seus trabalhos podem coöperar indíviduos não sindicados que respeitem os princípios fundamentais da organização. Dividindo esses trabalhos em grupos ou seções, conforme os diversos ramos dos conhecimentos sociológicos, os militantes teriam ocasião de especializar-se em alguma ou alguma deles, de harmonia com as tendências do seu espírito, e cada qual na propaganda deixaria de ser uma actividade fragmentária e dispersiva, uma espécie de «Tropa a Tudo».

Para alguma forma de preparação do propagandista. Passemos às formas de propaganda, de carácter pensamento. *Imprensa periódica*: deve compreender, pelo menos, um diário, que se ocupe de todas as questões de momo, a um tempo, doutrinário e de combate, um ouídos semânticos que, completando a obra do diário, ver-se-á particularmente as questões económicas gerais e as de interesse directo da luta operária.

As missões por delegados da organização; 3.º A publicação de folhetos. Delas vamos tratar nas suas linhas gerais, pois os detalhes são as circunstâncias ocasionais que os ditarão.

** * *

A propaganda tem um triplo fim: luta contra o patronato e o Estado e pelas reivindicações operárias; preparação para a gerência dos meios de produção e circulação; desenvolvimento da

Tese sobre PROPAGANDA ORAL E ESCRITA

Importa que os camaradas que os temem a seu cargo, os mantenham ou tornem verdadeiros e seguros auxiliares da respectiva Federação, na realização dos seus diversos fins.

O diário temo-lo, se bem que não fique de imperfeições, em grande parte é, como deve ser, publicação da União dos Sindicatos daquela cidade, só de acordo com outras Uniões, tendo muito em vista a expansão das nossas doutrinas no norte e centro do país.

Missões — A propaganda por delegados dos diversos agregados sindicais é um dos factores mais importantes do progresso da organização operária.

Não julgamos exagerar dizendo que é indispensável, sobretudo tratando-se de um país onde a oratoria tem um papel muito importante. São grandes vantagens que dela se podem obter.

Todos os militantes, e elas são numerosas, que tem andado em missão pelos países, sabem quanto é verdade o que dizemos.

Até hoje esta forma de propaganda tem sido únicamente praticada pela C. G. T., e pela U. S. O. do Porto, e principalmente o grau de educação do operariado, especialmente da sua parte organizada. Por agora, o que à propaganda

constitui de tornarmos frequente, praticando-a não só a C. G. T. e as Uniões, mas as Federações, e até Sindicatos. Simplesmente da organização de quaisquer missões, devem ter conhecimento recíproco aqueles organismos, para elas se escalonarem devidamente, a fim de não se dar o caso de, por exemplo, duas missões se encontrarem numa certa localidade, a um tempo, em uma certa localidade ser muito visitada num mês e depois não o ser durante meses e meses.

A escolha dos delegados deve presidir o máximo escrúpulo, no sentido de cada missão ter perfeito conhecimento das questões que mais interessam à região a que ela se destina, conhecimento que não se adquire pela leitura ligeira de jornais e folhetos ou por conversas ocasionais.

Publicação de folhetos — Não carece de demonstração a utilidade da propaganda pelo folheto, como de resto não carece a de qualquer das outras formas. Praticada, como foi entre nós, com tanto éxito, importa muito retomá-la, por ventura em certo modo combinada com a revista, cuja publicação os fracassos que se contam no passado não nos animaram a aconselhar.

** * *

Em conclusão, para os bons resultados da propaganda, é necessário que:

1.º — Cada organismo sindical crie um fundo especial de propaganda, com o qual proveja às despesas das iniciativas próprias e auxílios dos outros organismos;

2.º — Esse fundo não seja, sob pretexto algum, aplicado a fim diverso do que lhe é próprio.

3.º — Se crie o laboratório sociológico

junto da U. S. O. de Lisboa e outras localidades;

4.º — A obra da *Batalha* se complete com a publicação de folhetos e de um semanário, logo que as circunstâncias o permitam;

5.º — Toda nessa publicação, como na fundação do laboratório e na organização das missões, se atenda às bases que ficam indicadas.

** * *

Das suas linhas gerais, pois os detalhes são as circunstâncias ocasionais que os ditarão.

** * *

Registaram-se, mais as seguintes adesões:

Manufactores de calçado: Sindicato Único do Porto, Júlio Campos, Amílcar Pereira Dias, Serafim dos Anjos; Associação de Beja, Manuel Inácio Horta.

Metalúrgicos: Associação dos Soldadores de Setúbal, Janário da Conceição Sabino, Carlos Guilherme, David Augusto Correia; Sindicato Único do Porto, Inácio dos Santos Viseu, Joaquim Mendes Gomes, Lourenço da Costa Peixoto; Associação dos Trabalhadores das Fabricas de Conservas de Setúbal, José Alves, António Veloso de Macedo, José Viegas Lamosinha; Sindicato Único de Olhão, António Gonçalves Dias; Associação dos Mineiros de Aljustrel, António Alves Figueira; Sindicato Único Metalúrgico de Aljustrel, Vitor Manuel; Sindicato Único de Lagos, Manuel Mancarenhas; Sindicato Único de Évora, Tomás Francisco da Silva; Sindicato Único de Lisboa, Artur Cardoso, António Serão, Júlio de Matos; Associação Metalúrgica de Vila Nova de Gaia, Mário Alves de Carvalho;

Mobilírios: Sindicato Único de Coimbra, Joaquim Moreira Neto; Sindicato Único de Lisboa, José dos Santos Arribalha, Jaime Nunes, José Martins Grilo; Associação dos Manceneiros e Artes Correlativas da Guimarães; Sindicato Único do Porto, Júlio Dias de Almeida, Carlos Maximiano, José Joaquim Marques.

Operários do Livro e do Jornal: Liga das Artes Gráficas do Porto, Clemente Vieira dos Santos; Associação dos Pessoal da Imprensa Nacional, Manuel da Conceição Afonso; Associação dos Litógrafos do Porto, Alberto Alves Carneiro; Associação dos Impressores Tipográficos da Lisboa, António José de Oliveira, Lito Gráfica; Lito Anexos de Lisboa, António Ferreira; Associação dos Encadernadores e Anexos de Lisboa, Delfim Sousa, Pinheiro; Associação dos Compositores Tipográficos de Lisboa, Carlos José de Sousa, Augusto Cadete e Alfredo Rodrigues.

Empregados no comércio: Associação dos Calzeiros Lisboa, Eduardo Relvas; Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa, Gil Gonçalves; União dos Empregados no Comércio do Porto, J. Gonçalves Pereira; Associação dos Empregados no Comércio de Silves; Associação dos Empregados no Comércio de Vila Real de Santo António.

Transportes e comunicações: Liga das Associações de Viação Portuense, José Gonçalves Guimarães, Zácarias Lima, Vitorino Costa; Associação dos Chaufeurs de Lisboa, Fernando Casimiro Mancos; Associação dos Empregados Menores dos Correios e Telégrafos,

JUVENTUDES SINDICALISTAS: Núcleo de Lisboa — Comissão Provisória Sindicalistas presos — Continua esta comissão a receber quetes e outros donativos, esperando que todo o proletariado continue cumprindo seu dever, tirando quetes nas oficinas, fábricas, etc.

Amanhã, realiza-se um espetáculo, cujo produto se destina ao mesmo fim, para o qual a comissão tem recebido o apoio de vários camaradas e colectividades.

Secção Mobiliária: Reúne hoje a comissão executiva pedindo-se que nenhum camarada falte.

Núcleo do Porto: — *Ecole de Militantes*: — Continuou na passada 5.ª feira a lição semanal, havendo sido discutida a tese sobre *Relações Internacionais*, que vai ser presente ao Congresso Operário Nacional pela sua comissão organizadora. Houve largo debate, sendo opinião predominante que a organização operária deve ligar-se a uma Internacional alheia a toda a influência política. Discordou-se da tese, sendo decidido que os jovens sindicalistas do Porto, dentro dos seus sindicatos, empregarão esforços para que a organização operária prossiga no caminho ideológico aí trilhado.

A próxima lição será na segunda feira, por na quinta-feira se realizar a sessão inaugural da secção da Carris, de Carlos Alberto.

foi anunciado, realizou-se no

lido a conferência promoto-

re de Vida política

Juventudes Comunistas — Núcleo de Beato e Olivais: — Reúne hoje pelas 21 horas, no local do costume.

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

** * *

Relatório do Comité Confederal da C. G. T.

A C. G. T. aceita o significado da frase: a «organização sindical não se basta a si própria»—se com ela se quer explicar que para se conseguir um estadio social filosóficamente superior, não basta a luta económica pela ação do sindicalismo; mas se se quer tirar a ilusão de que a ação do operariado, como classe social escravizada, não basta ser exercida no terreno económico, para o ser simultâneamente no terreno político parlamentar e c. c. o concurso estéril e perigosamente nocivo dos videirinhos da política, então a C. G. T., fiel às decisões dos Congressos Nacionais sindicais, declara que a ação do operariado basta, e que, como tal, nem empareira com qualquer partido político, nem consente que no seio da organização se desenvolva a deleteria ação política.

Concluindo: A Confederação Geral do Trabalho Portuguesa, interpretando o sentir do operariado organizado, em face das declarações públicas dum partido com as quais se pretende pôr em dúvida a eficácia da ação económica e social da organização sindical, entendeu do seu dever tornar igualmente pública a sua apreciação.

A C. G. T. continua e continuará respeitando o princípio de autonomia individual dentro da organização, respeitando as crenças e as opiniões de cada sindicado; mas não se afastará do dever moral de igualmente respeitar os princípios morais que caracterizam e norteiam a organização sindical no seu conjunto.

Nesta conformidade não impõe a quem quer que seja o abandono de quaisquer opiniões, desejando, em troca, que ninguém, indivíduos ou colectividades, lhe imponham as suas.

Tampouco se permite a intromissão na vida interna ou na ação de organismos estranhos ao seu ponto de vista. Esta lealdade exige-a, como um direito, de todos os organismos estranhos a organização sindical. É um direito de reciprocidade, fundado na sua autonomia e independência, em face de todos os partidos políticos.

A C. G. T. lembra a todos os militantes sinceramente e conscientemente revolucionários, que as forças da burguesia preparam o salto de tigre contra o operariado, sobretudo se o conseguem ver dividido; lembra que, momentaneamente, será a divisão do proletariado a sua melhor vitória.

A C. G. T., por isso mesmo, exprime o seu sincero desejo de que tais factos não se observem, com o concurso, directo ou indirecto, de todos aqueles que na organização sindical tem responsabilidades.

Qualquer ação exercida em contrário virá retardar a obra da revolução, prejudicando a emancipação dos trabalhadores, que tem que ser obra do seu esforço e da sua união.

Lisboa, 16 de Julho de 1921.

O Comité Confederal

Apresentado ao Conselho Confederal, depois de longo e curioso debate, relativamente em «A Batalha» foi a mesma aprovada por unanimidade, tendo o Conselho a satisfação de a ver calorosamente aprovada por toda a organização do país, por meio de comunicações directas, igualmente tornadas públicas.

Foi uma crise porque se passou e nós temos a satisfação de constatar que, através dela e mesmo apesar da sua gravidade, foi possível manter-se a unidade orgânica indispensável, por isso que se não deu scisão alguma, graças à firmeza de toda a organização que galhardamente manteve os princípios morais de autonomia sindical do congresso de Coimbra, tendo sido a crise circunscrita a indivíduos sem graves abalos nos princípios que norteiam a organização e que constituem toda a sua rasão moral.

Como os factos se passaram é de todos conhecido e cremos não ser necessário referir o que foi largamente relatado no seu devido tempo. Entendemos não ser necessário relatar tranques dolorosos, uma vez que o desvio da natural trajetória revolucionária da organização não pôde subsistir em face da lógica resistência da mesma organização.

Greve dos Ferroviários

Na greve dos Ferroviários (outubro de 1920), tomou a C. G. T. uma certa comparsicipação. Não porque os mesmos fossem confederados, posto que como adesão só havia a da União Ferroviária (Minho e Douro). Mas foi um movimento assaz importante, engrandecido porque os do Sul e Sueste, demonstraram uma coragem até ali nunca vista — posto que sabotaram e declararam a greve já quando estações e coibões estavam tomados pela força armada da baioneta calada — e ainda porque no mesmo movimento colaboraram com não menor energia os do Minho e Douro, todos acompanhados, mais tarde, pelos ferroviários da C. P.

Havia já a greve das classes de transporte marítimas e os *chauffeurs* da Círcunferência do centro, ameaçavam igual paralisação. Pretendem o conselho, organizar um comité composto por delegados das classes de mar e delegados das classes de terra.

A forma porque não o conseguiu, bem como a forma como concorreu para garantir o triunfo de tam belo movimento, consta do relatório confederal oportunamente tornado público.

Redução dos salários

Como quer que em alguns países os industriais tentassem reduzir os salários, procurando justificar essa redução no facto de alguns dos artigos ou géneros de primeira necessidade terem baixado de preço, em Portugal principiou também a imprensa a defender igual critério para os operários portugueses.

Dêmos-nos pressa em estudar a questão. E se bem que em Portugal não se produzisse a redução de preços senão numa pequena percentagem, mas que, no entanto servia de base à campanha jornalístico-patronal que se iniciou, entendemos do nosso dever tomar resoluções sobre a questão, resoluções que não fôrnam tornadas públicas e que constam do seguinte:

Parecer sobre a redução dos salários

A baixa dos salários tem preocupado ultimamente a organização sindical. O Comité Confederal tem tomado em consideração algumas manifestações de redução, por esse facto, as quais, em sua opinião, mais podem constituir um incentivo para que o que parece ser ainda uma ameaça se transforme em realidade.

Parece ser desnecessário recordar, que na complexidade das manifestações colectivas da sociedade, os factores morais tem a sua influência no jongo das moralidades económicas.

A sugestão exerce sempre um papel importante, tanto nas manifestações individuais, como nas colectivas. Nós estamos, de facto, como tudo parece indicar, em face dum movimento capitalista internacional de reconstrução económica. O desequilíbrio económico e financeiro produzido pela guerra, devido à mobilização de milhões de produtores que abandonaram a produção das utilidades e ainda ao esgotamento dos produtos em certo grau armazenados antes da guerra e que com este se consumiram; esse desequilíbrio que seria um dos mais importantes factores determinantes dum concurso social, se a precipitação das massas escravizadas no momento propício da desagregação produzida, está sendo batido pelo capitalismo organizado, e este, agora como sempre, não recua, não deixa de recorrer a todos os meios, embora os mais anti-sociais e desumanos, para reaver as posições perdidas durante o choque sangrento que a sua ambição determinou. E assim, podendo agora restabelecer em certo modo o mecanismo da produção industrial com mais seriedade do que durante os primeiros meses após a guerra, o capitalismo não quer, contudo, fazê-lo, sujeitando-se a qualquer sacrifício de ordem material. Não o fez durante a guerra, não o fez no post-guerra e não o fará agora. Mantendo a alta de preços do custo da vida, depois, como durante a guerra, criou possibilidades de estabilizar o seu predominio social. Pôde sustentar-se na corda bamba duma falsa política de economia, todo o tempo que lhe foi indispensável para fazê-lo; e só quando já não corria perigo imediato é que tentou, com algum éxito, fazer descer o auge cambial, visto que a desmobilização e a normalização da produção industrial trouxe como consequência a possibilidade de mais alto consumo, não podendo assim continuar a manter-se as anteriores disposições, sob pena de formar mais o espírito de revolta nas massas, que tarda ou cedo subverte o seu predominio na direcção das sociedades. Se esta é a orientação do patronato e do Estado, é intuitivo que sofrerá o consumidor-proletariado mais do que o consumidor-capitalista, por isso que qualquer melhoria de carácter geral que transitória seja estabelecida, só lo hâ a custa principalmente do produtor assalariado. A baixa dos salários produz-se mais facilmente quanto melhor criada; esteja a atmosfera moral para esse efeito. E esta cria-se e desenvolve-se tanto mais, quanto mais se principiar a admitir, não já a possibilidade da baixa, mas a lembrança de que essa baixa se poderá produzir em qualquer época e seja sob que pretexto for.

E' bem certo, infelizmente, que a característica das massas operárias é a da escravidão, posto que em regra aceitam a sua condição como uma coisa pouco menos que natural, quasi nem compreendendo como possam pescindir do salário. Presas a esse prejuízo, só no momento em que vêm cercados os seus proveitos manifestam a sua repulsa, não só dando, contudo, ao cuidado de extinguir o que é causa do seu mal estar. Acabarão por se resignar a um dos principais factores da resignação é justamente a prévia preparação moral, adrele estabelecida, para se conformarem com o que supõem ser inevitável. Todo o interesse está, pois, na opinião do Comité Confederal, em não se contribuir

para a criação desse estado de espírito, que o Comité considera como um dos elementos de sugestão tanto para que os industriais tentem baixar aos salários, como para que as classes operárias aceitem a redução.

O Comité Confederal, entende, por outro lado, que esta magna questão não pode ser descurada e que é indispensável existir a prevenção, devendo alguma coisa fazer-se nesse sentido.

As considerações de ordem geral já feitas respeitantes às intenções do capitalismo internacional são fundamentadas em factos sucedidos em alguns dos países de maior intensificação industrial e que se repercutiram inevitavelmente em Portugal.

Nos Estados Unidos da América do Norte, na Inglaterra, na França, etc., os salários subiram, não tendo, contudo, o custo da vida subido em tam elevado grau como entre nós. Mas, subiu. E como subiu, desceu, depois que se foi restabelecendo o equilíbrio económico. O industrialismo, que se havia habituado a exorbitantes lucros, em face da desida dos preços dos produtos, provocou a crise, pelo retraimento da produção. Primeiro reduziu os dias de trabalho e tentou a redução dos salários, que os operários se opuseram. Depois acabou por encerrar as fábricas em importantes indústrias, colocando os operários, aos milhares, na disponibilidade. Quando, mais tarde, os readmitiu foi já por salários inferiores.

Estes factos observaram-se em fábricas da indústria têxtil, na América do Norte e há pouco com os mineiros, na Inglaterra. Na França é a Federação do Livro e do Jornal que delibera autorizar os seus federais a aceitarem a baixa dos salários em 2 francos por dia para os homens e franco, e meio para as mulheres.

Bem bastam factos destas naturezas para fazerem sugerir aos industriais portugueses o desejo de imitar os estrangeiros.

Em Portugal é pouco sensível a baixa de preços. Um ou outro género desce de preço em virtude da melhoria cambial. Mas é necessário averiguar a razão daquela desida e quais os seus efeitos. Não está na competência do Comité essa averiguação por carença completa de recursos certos de informação. O jôgo da Bólsa tem os seus caprichos, alimentados pela alta finança, em cujo segrado só os eleitos estão.

Supomos, contudo, encontrar a causa no inicio da normalização económica internacional já apontada e no desejo de evitar a convulsão revolucionária.

O seu efeito, se a desida do câmbio fôr vertiginosa e profunda, traria falência repentina de bancos, casas de comércio e a crise industrial imediata. Para evitar esta derrocada sobreinverem-nos nessa desida. Esse facto não obstará, por certo, a que a crise se produza, mais ou menos extensa e intensa, mas ou menos larga, porque torna inevitável o retraimento.

O consumidor esperará que os preços baixem para comprar, e o mesmo faz o pequeno e o grande comércio. Deste modo o proprietário das indústrias diminuirá a capacidade de produção, pro-urando levar ao mercado os produtos por preços pouco inferiores. Não se querendo sujeitar a prejuízos com a cotação dos factos, não obstará, por certo, a que a crise se produza, mais ou menos extensa e intensa, mas ou menos larga, porque torna inevitável o retraimento.

Se o não consegue antes, espera c. n. segui-lo depois, admitindo os operários com novas condições, então já inferiores.

Certamente este movimento não será levado a cabo por uma forma geral e uniforme. Será parcial, e nas indústrias cujas classes de menores condições de vida disponham para reagir, podendo mesmo acontecer que as classes que mais venham a sofrer sejam precisamente aquelas que já auferem menores salários.

Por outro lado, não tendo havido proporção com a subida do custo da vida nas altas de salários levadas a efeito desde que a vida encareceu, igual fenômeno por certo irá acontecer, se se levar a efeito a desida dos salários. A disparidade continuará.

Com dois aspectos fundamentais se apresenta a questão:

a) O retraimento produzido pela depressão cambial, que facilita o poder de compra por parte dos consumidores, ainda, aliás, pouco acentuado, mas que reduz o elevado lucro que o comércio e a indústria se habituaram a auferir;

b) A ameaça de derivação das perdas sobre os operários, podendo assim cada industrial cobrir em certo modo os prejuízos com a cota parte extraida dos salários, se se efectivar a sua redução.

Posta assim a questão, com o carácter de inevitabilidade, o Comité Confederal pretende chegar a conclusões reais, afim de que o que se pretende seja bem orientado.

Partindo do princípio lógico, justo e humano de que a classe operária, mesmo em regime capitalista deve gozar o mais possível dum confortável bem estar económico, por modo algum poderá aceitar que mesmo os salários mais elevados sejam reduzidos, visto que esta redução só beneficiará as empresas industriais, uma vez que se reconhece que o consumidor sofrerá em todos os casos os efeitos do latrocínio capitalista.

E como os mesmos salários elevados não estão absolutamente em relação com o custo elevadíssimo da vida, mas uma razão para que uma oposição formidável seja oposta àquela tentativa. Ora, a maior parte do operariado recebe ainda salários inferiores em relação a uma ou outra classe, e esse facto indica a necessidade destes serem mais elevados.

Mas é necessário ter em consideração que a capacidade revolucionária dos trabalhadores é diminuta para reagir convenientemente. E por outro lado é necessário considerar que as crises de trabalho pela paralisação forçada e sistemática dos estabelecimentos manufactureres, violenta os operários a aceitarem o próprio espírito de conservação salários inferiores, posto que preferem pouco salário a não ter nenhum.

O movimento a fazer apresenta-se assim com dois aspectos, conforme as circunstâncias:

1.º A oposição colectiva irredutível à redução dos salários;

2.º O acordo previamente estabelecido entre as empresas industriais e os sindicatos sobre um mínimo de redução.

Entende, porém, o Comité Confederal que só os sindicatos ou as respectivas Federações de indústria tem bastante autoridade para julgar da viabilidade de um ou outro recurso, assim como são os únicos juízes da oportunidade, achando o Comité conveniente que, no entanto, se fixe bem a definição por forma que não se seja colhido de surpresa, sem haver qualquer preparação por parte de cada classe para uma eficaz oposição.

Em qualquer dos casos é conveniente que esta questão seja urgentemente estudada por cada organismo, afim de que a tempo se produza a intervenção colectiva, tendente a garantir o máximo das regalias já conquistadas.

Conclusões

1.º Não se deve publicamente confessar o receio da baixa de salários por parte da organização, devendo-se mesmo evitar de falar em tal questão, tanto para não se dar uma acentuada sensação de pavor, como para contrariar todo o enjôo de sugestão aos donos das indústrias;

2.º Prevenir todas as Federações e Sindicatos que não possuem Federação de Indústria, por meio de uma circular confidencial, enviada pela Secção das Federações, das decisões da C. G. T., indicando nessa circular àquelas organizações a conveniência de estarem vigilantes quanto a esta questão e bem assim convidando-as a estudarem a maneira prática de colectivamente se oporem à redução dos salários;

3.º Que a Secção das Uniões sustente uma activa correspondência com aqueles organismos, tendente a levá-los, nos casos necessários, a promover intensas agitações em favor das classes que necessitem solidariedade imediata;

4.º Que na circular a enviar aos organismos se recomende a necessidade de se forçar a execução do horário máximo de 8 horas, em harmonia com as deliberações já tomadas pelo Conselho Confederal, como um dos meios de obviar de grande parte à crise que se avisa, devendo cada organismo estudar forma de conseguir que não se trabalhem horas suplementares, mesmo horas a dia, senão em casos especiais que se prendam com os serviços de reconhecida utilidade pública geral;

5.º Que pela Secção das Uniões sustente uma activa correspondência com aqueles organismos, tendente a levá-los, nos casos necessários, a promover intensas agitações em favor das classes que necessitem solidariedade imediata;

6.º Que o Comité Confederal, em reunião, se pronuncie sobre a questão da redução dos salários, salvo se outras modalidades surgirem que determinem novas e mais actualizadas decisões.

Lisboa, 6 de Julho de 1921. — O Comité Confederal.

Não foi necessário pôr em execução e querer que fosse, porque a situação económica e financeira do país apenas permitiu que o câmbio descesse mais, que fosse constantemente aumentada a circulação fiduciária, que tudo encarecesse e que, ao contrário, os salários tivessem que subir ainda mais, para o que as greves nas várias classes se repetiram para aquele efeito.

Os Impostos sobre os operários

Como consequência do desequilíbrio económico europeu e para enfrentar o consequente desequilíbrio das receitas do Estado, pretende este, quando era ministro das Finanças Cunha Leal, criar novos impostos. Nas mesmas inclui a classe operária, que sempre tem pago todos os impostos indirectamente.

Quele ministro pôs em execução uma antiga lei que não tinha sido de

fácil aplicação, mas então obrigando o patronato a descontar nos salários o imposto directo aplicado aos assalariados.

Fez-se um movimento de protesto, que não chegou a intensificar-se por não ter ido por deante o intento daquele ministro.

Presentemente com as novas propostas de finanças, algumas das quais já aprovadas pelos deputados, tenta-se de novo pôr em execução aquele intento ignorando-nos até que ponto.

Nas mesmas proposta estabelece-se já uma base de aumento do imposto predial, em que parece querer-se basear os aumentos a estabelecer na futura elaboração do inquérito. A aproximação desse congresso e os trabalhos para o mesmo, tendo-se metido de perigo o último movimento do pão e o encerramento da sede da C. G. T., impossibilitaram uma comissão confederal de apresentar um estudo sobre essa questão, estudo que ainda poderá ser feito apesar do Congresso e antes da reabertura do Parlamento.

Carestia da vida

Também a questão da carestia da vida ocupou por vezes o Conselho Confederal. Surgiram movimentos de protesto em várias localidades. Em Julho de 1920 foi publicado um parecer no qual se estudavam as causas económicas que determinavam o custo da vida, estabelecendo-se o confronto com os salários então existentes, opiniando-se, além dos principais de ação geral social constantes da carta confederal, por um paralelo aumento de salários, como ação imediata exercida pelas diferentes classes confederadas.

Bem sabia o Conselho Confederal que o aumento

Um pouco de tudo para todos

CALENDÁRIO DE SETEMBRO

D.	10	17	24	HOJE O SOL
S.	4	11	18	25
T.	5	12	19	26
Q.	6	13	20	27
Q.	7	14	21	28
S.	8	15	22	29
S.	9	16	23	30

CAMBIOS

Paises	Moe-das	Ao par	Ontem	Comp. +1 Venda
Alemanha	855	4018	4020	
Austria	813,1	4018	4020	
Bélgica	817,8	1842	18927	
Espanha	817,8	5675	5696	
E. U. A.	824	21844	208375	
Francia	817,8	1842	18927	
Holanda	817,8	9459	9355	
Inglaterra	817,8	1158000	1258000	
Italia	817,8	18145	18145	
Suica	817,8	4777	4995	

CARTAZ

POLITEAMA - A's 21, 30 - «Cuidado com a Fernanda»
EDEN TEATRO - A's 21 - «As duas gaiolas de Paris»
TEATRO FOZ - A's 21 - «Sou ou não sou»
S. LUIS - A's 21, 30 - «A revista de Praedez»
APOLO - A's 21, 30 - «Belo Sexo»
COLISEU - A's 20, 30 e 22, 30 - «Tic-Tac, MARIA VITORIA (Feira Mayer) - A's 21, 22, 23 - «Luz nova»
CIRCO ROYAL - A's 20, 30 e 22, 30 - Circo e Variedades
GIL VICENTE - A's 21 - «Miss Ojiga» - Espectáculos aos domingos, segundas e quintas-feiras

CHIADO TERRASSE - A's 2 e 7, 30 - Animatógrafo
OLÍMPIA - Animatógrafo
CONDES (Avenida) - Animatógrafo
CENTRAL (Avenida) - Animatógrafo
ROSSIO (Avenida) - Animatógrafo
GOMBERG (Avenida) - Animatógrafo
IDEAL (Loreto) - Animatógrafo
EXCELSIOR (Teatro dos Anjos) - Espectáculos cinematográficos, às 20, 30, PROMOTOR (ao Calvario) - Animatógrafo

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA - Rua do Arco a Jesus - Todos os dias úteis, das 10 às 16, com licença.
AQUARIO VASCO DA GAMA - Dando - Todos os dias, das 10 ao pôr do sol.

ARQUEOLOGICO - Largo do Carmo - Todos os dias das 10 às 16, 20 centavos.

ARTILHARIA - Largo do Museu de Artilleria - Todos os dias úteis, das 10 às 16.

COLONIAL E ETNOGRAFICO - Rua Eugénio dos Santos - Aos domingos, das 10 às 16.

ETNOLOGICO PORTUGUES - Edifício dos Correios, Belém - Todos os dias úteis, das 12 às 16.

GEOLOGICO - Rua do Arco a Jesus, na Academia das Ciências, 2º pavimento.

JARDIM ZOOLOGICO - Exposição permanente.

JOSE VINCENTE BARBOSA DU BOIS - Escola Politécnica - Quintas feiras das 12 às 16.

MISERICORDIA - Largo de Trindade Coelho - Último domingo do mês, às 18,30.

NACIONAL AGRICOLA - Tapada da Ajuda.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA - Rue das Janelas Verdes.

NACIONAL DE COCHES - Praça Afonso de Albuquerque - Todos os dias úteis das 12 às 17.

NACIONAL DE MARINHA - Largo do Cintrão, 29 - A's terças e domingos, A's segundas, 20 centavos.

HORARIO DA LINHA DE CASCAIS

Partidas de Lisboa	Chegadas a Cascais	Partidas de Cascais	Chegadas a Lisboa
0,45-c	1,38	0,15-f	1,08
7,20-i	8,26	5,55-f	7,01
8,45-c	9,46	7,20-i	8,26
10,00-d	10,41	8,25	9,31
10,30	11,36	9,04-g	9,45
12,50-a,d	13,31	9,41-f	10,40
13,00-c	14,01	10,10-g	10,51
14,00-a	15,03	11,15-g	12,12
16,00	17,02	12,40-f	13,39
17,20-d	18,01	14,30-h	15,27
17,30-b,i	18,36	16,00	17,06
18,15-e	19,12	17,40-b,g	18,21
18,50-b,d	19,31	18,20-h	19,19
19,00-i	20,00	19,00-a,f	19,59
19,40-i	20,45	19,44-f,i	20,43
21,10-c	22,03	22,30-f	23,23
23,10-c	00,03	-	-

a. Só aos domingos e feriados. - b. Só nos dias úteis. - c. Directo até Alges. - d. Directo até S. J. Estoril. - e. Directo até C. Quebrada. - f. Directo desde S. J. Estoril. - g. Directo desde C. Quebrada. - h. Directo desde C. Quebrada. - i. Comboios em que são válidos os bilhetes de 3.ª classe, mensais e semanais, para operários e trabalhadores.

Conselhos, Fórmulas, Receitas, etc.

HIGIENE E MEDICINA

Fogo no fato - (Continuação) - Passa-se o soro por um pano ralo e fica em cima a coalhada mais ou menos espessa conforme a expressão que se lhe der, pronta para ser aplicada sobre a queimadura logo que esfrie.

Esta cataplasma deve ser bastante espessa e reformada de 3 em 3 horas.

A falta de coalhada pode ainda servir um pouco de azeite sem sal, óleo de linhaça, xarope simples ou de bálsamo de Tóli para untar a superfície queimada e aplicá-la sobre folhas de couve ou tanchagem.

Estas folhas também devem ser reformadas logo que aqueçam.

Cada reforma deve ser acompanhada de uma lavagem abundante em água fria.

Se houver empoladas, devem ser picadas com uma tesoura para deixar vasas tota a serosidade.

Logo que as dores tenham passado, se a queimadura não for além do 2.º grau, isto é, se abranger apenas a pele, corte-se todas as empoladas, pondo a carne viva a descoberto, polvilhe-se com um pó de ossos ou pó de talco e deixe-se todo o tempo possível a descoitar ao ar livre.

Se for absolutamente necessário cortar aplique-se lhe por cima umas folhas de couve ou de sabugueiro, sem apertar, e reformem-se três vezes por dia.

Com este tratamento a pele refaz-se tam depressa que no fim de 3 ou 4 dias o doente está curado.

Se a queimadura for muito extensa por forma que se não possa evitar os atraitos sobre ela, a cura vai mais devagar.

Se a queimadura for muito profunda deve-se continuar com a coalhada e esperar que a parte queimada se destaque.

Se a queimadura for muito profunda deve-se continuar com a coalhada e esperar que a parte queimada se destaque.

Quereis o vosso relógio concerto com garantia e por preço módico?

Levæ-o ao

33 de S.º André
actualmente

Largo Rodrigues da Freitas, 33
(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO
E OURIVES

DE ALVES D'ANDRADE, L. da

CAMBIOS

Vapores e destinos

Dias

Dia	Barco	Rio de Janeiro	Santos e Buenos Aires	Porto
10-09	Coronel	855	4018	4020
11-09	Coronel	813,1	4018	4020
12-09	Francisco	817,8	1842	18927
13-09	Pestes	817,8	5675	5696
14-09	Dolores	824	21844	208375
15-09	Flora	817,8	1842	18927
16-09	Libras	817,8	1158000	1258000
17-09	Italia	817,8	18145	18145
18-09	Frances	817,8	4777	4995

CARREIRAS DE VAPORES NO TEJO

De Lisboa (C. Sodré) para Cacilhas, 18-09

10-09

11-09

12-09

13-09

14-09

15-09

16-09

17-09

18-09

19-09

20-09

21-09

22-09

23-09

24-09

25-09

26-09

27-09

28-09

29-09

30-09

31-09

01-10

02-10

03-10

04-10

05-10

06-10

07-10

08-10